



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

EXPERIÊNCIAS INTERATIVAS DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM *BLENDED LEARNING*¹

Luciene Santos Pereira da Silva²; Marta Margarida de Andrade Lima³; Renata Kelly de Souza Araújo⁴

Resumo

O texto analisa experiências vivenciadas nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado nas Licenciaturas em História e em Artes Visuais, no formato *blended learning*, da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UEADTec/UFRPE). A discussão focaliza as práticas docentes interativas na construção do conhecimento pelos discentes, conforme as vivências nos espaços de Estágio. A base teórica traz Castells (2017), Lévy Santos (2010) e Pimenta (2006). Sobre a metodologia, se trata de uma pesquisa participante, que toma como fontes os diferentes relatórios, cartas e textos sínteses produzidos pelos estudantes. Ratifica-se com este estudo a relevância das trocas, da interatividade e da construção de conhecimentos em diferentes formatos, no caso, em *blended learning*, para uma formação docente autoral e colaborativa, com competências dialógica e procedimental dinâmicas, criativas e híbridas, mediadas pelos recursos digitais.

PALAVRAS-CHAVE: *Blended Learning*; Estágio Curricular Supervisionado; Práticas docentes; Educação a Distância; Experiências Interativas.

Introdução

Estamos imersos em um momento social denominado Sociedade em Rede (CASTELLS, 2017), na qual as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) concretizam uma nova configuração em todas as instâncias sociais e no modo de ser, estar e, principalmente se comunicar. Nesse sentido, a internet se constitui no espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores (LÉVY, 2010).

1 Artigo apresentado ao Eixo Temático 1: Educação e Comunicação na Cibercultura do II Encontro Regional Norte-Nordeste da ABCiber.

2 Professora na Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: lucieneufrpe.ead@gmail.com

3 Professora na Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: martamargarida.lima@gmail.com

4 Professora na Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: renatakellyead@gmail.com



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

O ciberespaço tem seu crescimento inicial, do nível mais básico ao elevado, baseado em três elementos: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Estes princípios são considerados fundamentais para a Cibercultura uma vez que “aponta para uma civilização da telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade sem fronteiras (...) mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa” (LÉVY, 2010, p.129).

No âmbito educativo a Cibercultura representa a disponibilização de mais um elemento comunicacional potente e expressivamente complexo denominado Interatividade⁵, que se compõe de três binômios: participação-intervenção (participação ativa e autoral na mensagem do receptor, onde a mensagem é aberta, deformável, compartilhada com o receptor para mixagem); bidirecionalidade-hibridação (refere-se à cocriação, onde emissor e receptor codificam e decodificam a mensagem de maneira coletiva, colaborativa); e, potencialidade-permutabilidade (ato comunicativo por múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de trocas, associações e significações) (SILVA, 2014).

A interatividade possibilita novas formas de fazer educação, emergindo deste cenário a Educação *Online*, concebida não apenas como uma evolução das gerações da Educação a Distância (EAD), mas como fenômeno da Cibercultura, sendo “o conjunto de ações de ensino e aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais” (SANTOS, 2010, 30-37). Faz-se necessário considerar que,

proporcionar educação online não é o mesmo que oferecer educação presencial ou a distância via suportes tradicionais. A primeira exige metodologia própria que pode até inspirar mudanças profundas no modelo de transmissão que prevalece na sala presencial “infopobre” e “inforrica”. Será preciso educar com base no diálogo, troca, participação, intervenção, autoria e colaboração. É certo que esta metodologia não é prerrogativa do computador conectado, mas é nele que encontra possibilidades de sua potencialização (SILVA, 2006, p. 12, grifos do autor).

⁵ A interatividade é aqui entendida como “percepção da capacidade, ou potencial, de interação propiciada por determinado sistema ou atividade” ((TORI, 2010, p. 5).



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

De tal modo, fazer educação *online* se torna imprescindível no contexto de uma sociedade imersa nas redes pelos mais diversos motivos e interesses. E como exigência dessa realidade é necessário repensarmos a dinâmica dos espaços de formação docente enquanto experiências de produção autoral e colaborativa, onde a interação e o diálogo sejam ainda mais estruturadores de diferentes relações de aprendizagem, pensando em dinâmicas híbridas, mediadas pelos recursos digitais.

A apropriação do sentido e da prática da educação *online* por *blended learning* ao combinar tecnologias educacionais com momentos presenciais ampliou as possibilidades de comunicação e acompanhamento que não se restringe a ocorrência do educar semipresencial, mas exige a mobilização, criatividade e colaboração entre outras tipologias de mixagem como: (i) misturar tecnologias baseadas na Web para um objetivo educativo; (ii) relacionar diferentes abordagens pedagógicas para conseguir um objetivo educacional com ou sem tecnologia e, (iii) combinar instrução por tecnologia com tarefas de trabalho no contexto real (aprender-trabalhar). (SOUSA JÚNIOR, 2018).

Nesse sentido, as atividades virtuais e presenciais dos estágios, ora relatados, foram pensadas para que a articulação entre a teoria e a prática se desse a partir da potencialização da interatividade. Assim, buscou-se contemplar os elementos que Romero Tori aponta como constituintes desse processo:

É possível aumentar a percepção de interatividade de determinado sistema ou ambiente incrementando-se um ou mais das seguintes componentes [4]:

Frequência: periodicidade da ocorrência de oportunidades de interação; uma atividade que permite interrupção a qualquer instante — frequência contínua — certamente será percebida como possuindo mais interatividade do que se a interação fosse limitada a apenas determinados momentos.

Abrangência: conjunto de opções disponíveis ao interator nos momentos de interação; a abrangência pode ser representada por um menu de opções discretas ou de forma implícita, como as possibilidades de movimentação e atuação de um avatar num mundo virtual.

Significado: componente subjetiva da interatividade; quanto mais importante e significativa for determinada ação para o participante de uma atividade, ou usuário de um sistema, menor será sua percepção de baixa frequência ou de pouca abrangência; um fã que aguarda o show inteiro pela possibilidade de ser sorteado e poder subir ao palco para abraçar seu ídolo certamente terá mais sensação de interatividade que o



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

aluno aguardando a hora do sinal para sair de uma aula da qual não esteja efetivamente presente. (2010, p. 5, grifos do autor)

Nessa perspectiva, os estágios são considerados espaços onde a interação teoria prática é vivenciada, entrelaçada e refletida num processo de idas e vindas, com ações necessárias da avaliação e autoavaliação no seu decorrer. Assim, as atividades são desenvolvidas no sentido de promover a aproximação dos futuros docentes com os espaços de atuação de seu campo profissional e parte-se do princípio, neste estudo, que a interatividade é elemento constituinte do objetivo almejado.

Os estágios permitem que os estudantes se insiram no cotidiano das instituições de ensino formal e não formal. Para Fonseca “Trata-se de um espaço e um tempo que devem assegurar e possibilitar as condições necessárias para o exercício da relação entre os aspectos teóricos e práticos da formação ao longo do curso (2003, p.247).

Assim, o artigo tem como objetivo analisar as experiências realizadas entre 2018 e 2019 nas disciplinas de estágio obrigatório no curso de Licenciatura em Artes Visuais com ênfase em Digitais e no de Licenciatura em História da UFRPE, modalidade a distância, focalizando as práticas interativas na construção do conhecimento. Analisam-se ações realizadas em três estágios, sendo dois em espaços formais de educação e um em espaço não formal.

Foram tomados como fontes para o trabalho, os planos de ensino das professoras; as cartas, os relatórios, relatos e textos produzidos pelos estudantes com registros, percepções e interpretações sobre as atividades vivenciadas nos campo de Estágio, além das discussões e reflexões produzidas coletivamente nos Fóruns de Debates no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Romero (2010, p. 20) afirma que “na educação apoiada por tecnologias interativas, os conteúdos e ferramentas digitais e virtuais assumem papel de destaque e oferecem novas formas de trabalho e de aprendizagem”. Assim, o compartilhamento de nossas experiências na condução e orientação dos estágios busca refletir e indicar caminhos possíveis para o trabalho docente, no sentido de estabelecer uma articulação entre a teoria e a prática na formação de professores, tendo na interatividade uma aliada para potencializar o processo de desenvolvimento das atividades pedagógicas.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

O espaço-tempo das experiências formativas do Estágio Curricular Supervisionado

O Estágio Curricular Supervisionado I, vivenciado como espaço de formação para os licenciandos em História na modalidade a distância, tem como principal objetivo pôr os discentes em contato com o universo escolar, buscando trabalhar diferentes olhares e percepções sobre a escola, uma vez que agora não estão mais no papel de alunos daquelas Instituições, mas sim como profissionais em processo de formação.

Tomar a escola como lugar de transformação social; como lugar diverso, de muitas histórias, memórias e diferentes aprendizagens a partir de cada contexto particular e sobre como as pessoas falam sobre ele é o eixo central do Estágio I.

No desenvolvimento da disciplina tornou-se igualmente importante que os alunos conhecessem a rotina escolar, sua organização e registros documentais que configuram as relações institucionais existentes entre a realidade micro da escola e a macro realidade do sistema escolar/educacional.

Para isso em seu ementário destaca-se: *A pesquisa na escola: o papel do professor-pesquisador. Escola: espaço de transformação social. Iniciando a prática do Estágio Curricular Supervisionado I. Atividades de investigação: infraestrutura e fluxo organizacional da Escola. Atividades de investigação: quem são os profissionais e os alunos da Escola? Entrevistando professores e alunos da Escola; Atividades de investigação: o currículo da escola. Observação da rotina e/ou eventos na escola; diferentes tipos de ferramentas de registros do Estágio Curricular, a exemplo do Diário de Campo. Elaboração de Relatórios ou outros gêneros textuais como atividade de registro final do Estágio realizado* (Ementa disponível no Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em História, ano 2014, no site: http://www.ead.ufrpe.br/Licenciatura_Historia).

As atividades foram direcionadas para o contato com esse contexto, e a primeira preocupação era construir com os alunos um olhar atento e observador, mas sensível, respeitoso, sem pré-conceitos e julgamentos prévios. Deviam buscar olhar para o que aquele lugar possui, o que oferece e quem são as pessoas que rotineiramente o faz funcionar.

Para registrar as observações e entrevistas realizadas com professores, gestores e alunos foi apresentada aos licenciandos a proposta de elaboração de registros visuais e escritos através de fotografias e cartas, respectivamente.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

As fotografias, pensadas como documentos visuais capturavam os espaços selecionados pelos licenciandos para “falar” sobre o lugar. E as cartas, como um gênero escrito destinado a comunicação entre pessoas, que na maioria das vezes relata as experiências vivenciadas por seu emissor, tinha por objetivo uma escrita livre e refletida, baseada nas observações dos espaços e conversas com os sujeitos das escolas, para ser trocada com outras pessoas que não conheciam aquela realidade descrita.

A comunicação, a interatividade, a produção autoral e o exercício de uma narrativa estruturada tornaram-se o “mote” da produção das cartas. Através delas os alunos licenciandos precisavam pensar o que dizer sobre a escola; o que queriam mostrar ou silenciar; em que aspectos poderiam ser mais questionadores e incisivos ou ser mais sensíveis e compreensíveis com os problemas observados. Essa comunicação seria trocada com a professora de Estágio e, também, discutida com os demais colegas através dos Fóruns de Debates, no ambiente virtual.

Ao longo da disciplina foram escritas duas cartas. A primeira, sobre os espaços e as rotinas da escola; e a segunda, baseadas nas entrevistas feitas com as pessoas, foram realizadas como momentos de diálogos entre diferentes sujeitos que vivenciam a realidade escolar a partir dos diferentes lugares e funções que ocupam.

Assim, cartas foram escritas e observações como esta foram compartilhadas:

(...) Moro na comunidade e venho observando voluntariamente os comportamentos das pessoas, principalmente das crianças e dos jovens, o contexto social em que estamos inseridos, levando em consideração todas as questões existentes numa comunidade que possui partes bem desfavorecidas. São justamente essas crianças, essas que moram no fundo da favela, colada com o mangue, com o lixo, são as das casas de taipa, da parte mais carente da comunidade que vêm uma boa parte dos alunos. Quando eu sentado, observava um aluno apático, alheio ao barulho, a aula, a todos, calçava chinelos de dedos já bem usados, no branco do seu olhar tinha um amarelado e seus dentes pareciam trincar, ele sentia algo, e era algo que me fez lembrar algum dia ter sentido. Lembrei da minha infância. Quando tocou para a merenda, ele foi o primeiro a correr. Sem mais... (Produção de um discente da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I)

Ao final, todo o material produzido pelos alunos foi reunido em forma de portfólio sobre cada escola, onde mais uma vez, o objetivo era trabalhar o conhecimento sobre a experiência escolar a partir das relações existentes entre diferentes evidências que contam as



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

histórias daquele lugar, das pessoas que ali estão ou por lá passaram, das formas e procedimentos sobre seus “ritos” e tradições de acordo com as relações institucionais as quais estão sujeitas.

Nos Fóruns de Debates as trocas mobilizavam, ora mais ora menos, os três binômios da interatividade: a participação-intervenção; bidirecionalidade-hibridação; e, potencialidade-permutabilidade (SOUSA JÚNIOR, 2018). A descrição das escolas por cada estudante e os registros visuais compartilhados formaram os elementos iniciais para as comparações e identificação das diferenças e semelhanças entre cada realidade.

Num primeiro momento, os aspectos estruturais, materiais e de organização dos espaços instigavam a reflexão sobre como devem ser os espaços escolares de aprendizagem onde crianças e adolescentes se sintam confortáveis e seduzidos a ficar a maior parte do seu dia, ainda que dentro dos limites impostos pelos escassos recursos investidos pelos poderes públicos na manutenção adequada dos prédios escolares? Destas observações surgiram as que partiam de outra perspectiva: o que é possível fazer então nos espaços existentes, de modo a construir possibilidades e “saídas” em situações, por vezes, tão adversas, que produzam conhecimento e ações cidadã? Como por exemplo, fazer dialogar história local e sustentabilidade a partir dos conhecimentos produzidos na escola, conhecendo as memórias do lugar e suas transformações para potencializar sua capacidade de criar soluções possíveis para os problemas vivenciados? Questionava-se, portanto, sobre as ausências e os silêncios aos quais escolas, estudantes, professores e comunidade em geral muitas vezes são submetidas, mas também, sobre o que significa ação e reflexão, cidadania sem assistencialismo, nem substituição de responsabilidades, e intervenção baseada em conhecimentos produzidos na escola.

Estudantes em formação discutiam, observavam e mostravam as escolas onde estavam aprendendo, de modo orientado e acompanhado, a se tornarem professores e professoras. E ainda que aquele ambiente lhe fosse tão conhecido e próximo, já que até pouco tempo compunham suas experiências diárias ou fazem parte das suas memórias, boas ou difíceis, mas quase sempre, afetuosas, seus olhares e atuação se diferenciavam a partir dos objetivos pelos quais estavam ali, e das expectativas criadas em torno do que é o exercício da docência, pensando e sentido nas experiências escolares cotidianas.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

O gênero Carta foi pensado como um instrumento de comunicação interpessoal para dialogar sobre a escola, sobre a aprender a ser professor e professora, sobre as histórias das pessoas que trabalham nas escolas, impressões, críticas e atuação docente. Instrumento que a princípio, causou certo estranhamento entre os estudantes por remeter a um tempo do qual não faziam parte, logo, a proposta se transformou em motivadora de frutíferas discussões, posicionamentos e curiosidades, inspirando uma reflexão bastante expressiva sobre práticas sociais e tradições construídas, assim como as que ainda compõem a cultura escolar. As narrativas produzidas pelos estudantes entrelaçavam tempo, contextos e vivências.

As duas cartas produzidas ao longo do trabalho apresentavam as discussões coletivas sistematizadas e sintetizadas, uma vez que era necessário selecionar o que dizer ao seu receptor.

As orientações para a essa escrita apontavam desde a importância do “olhar” a escola, de modo a não julgá-la a partir de uma ideia pré-concebida sobre o que é ou como deveria ser, ao mesmo tempo em que se deveria manter a observação crítica sem perder a sensibilidade, num exercício da “educação do olhar”.

Assim, os textos produzidos mostravam escolhas críticas, sensíveis e responsáveis sobre o que deveria ser comunicado a respeito das escolas e das histórias ali vivenciadas. Para tanto era necessário apresentar: (i) O contexto, respondendo a seguinte questão: No dia da visita o que chamou mais atenção no campo de estágio? Descreva o cotidiano escolar; (ii) No exercício da investigação através da observação tornava-se importante as impressões e depois as constatações sobre o que foi identificado inicialmente, citando alguns dos problemas, bem como as concepções e compreensões das pessoas coletadas nas entrevistas, sobre a atuação de cada um na escola. O que dizem? Quais questões levantam sobre a escola, a educação, a sociedade? Como situam a escola no contexto macro e também como se veem como agentes sociais, sujeitos históricos.

Na sequência, ainda sobre a composição da Carta era fundamental apresentar como a escola ou as pessoas da escola têm enfrentado as dificuldades citadas. E para além das dificuldades, o que as pessoas relataram de positivo da escola e como pretendiam ampliar em termos de positividade e perspectivas futuras.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

Vi que neste colégio além da estrutura ser amplamente voltada aos alunos, há também passeios, há a atividade de nado sincronizado e estão arranjando meios de 5 alunas irem competir no RJ, então além da aula em si, há uma preparação para a vida, vidas essas que trocam experiências, que falam dos seus momentos na sala de aula, das lutas para ganhar visibilidade, dos desejos, do que passou na infância em época de ditadura, com repressões e que havia de cantar o hino nacional a todo momento, escutar esses relatos e ver a pessoa descrevendo isto na sua frente e se emocionando por situações passadas e que talvez possam voltar, da um pouco de medo, mas com toda certeza também a força de cada vez mais lutar, ensinar e trocar aprendizados, entender vidas e algo que eu esqueci de mencionar é que o plano de ensino é altamente voltado para as relações sociais, o entender história a partir do entender sua história e entender de sua família e termino essa carta com uma das primeiras coisas que li no colégio X, no plano de ensino. “Do conhecimento que liberta ao amor que educa. (Produção de uma discente da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I)

Na finalização do trabalho, as cartas eram trocadas com a professora da disciplina de Estágio I e passaram a compor o Portfólio com os demais registros, como as fotografias, as entrevistas com a comunidade escolar, alguns exemplares de documentos escolares e os relatórios mais detalhados sobre o planejamento e realização das atividades no tempo decorrido da disciplina.

Como avaliação sobre o alcance dos objetivos da disciplina foi percebido que o binômio da interatividade que diz respeito à potencialidade-permutabilidade (ato comunicativo por múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de trocas, associações e significações), apesar das trocas iniciais e discussões nos Fóruns de Debates, deixou de ser trabalhado com maior amplitude pelo fato do direcionamento das Cartas apenas à professora, não tendo sido proposto sua circulação entre os alunos ou até mesmo com alguns membros da escola, o que possivelmente, limitou a construção das mais diversas significações sobre as narrativas produzidas. Por outro lado, a potencialidade do exercício do diálogo refletido como atividade escrita e sistematizada, através de diferentes gêneros, suportes e formatos, com objetivos claros e conhecidos por todos os usuários da proposição é um elemento que alimenta expectativas com uma interatividade ampliada e híbrida, que mobiliza a produção de conhecimento e a formação docente mais qualificada.

Se no Estágio I o foco é na observação, no Estágio II os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer os diferentes tipos, sentidos e documentos que fazem parte do planejamento escolar, conforme indicado no ementário: *Planejamento como processo de*



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

reflexão e de tomada de decisão sobre a prática docente. Planejamento, execução e avaliação da prática docente e da aprendizagem do aluno. Planejamento de ensino numa perspectiva crítica da educação. Etapas de um planejamento de ensino. Planejamento como ação pedagógica essencial ao bom desempenho do professor. (Ementa disponível no Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Artes Visuais com ênfase em Digitais, ano 2016, no site: [http://www.ead.ufrpe.br/Licenciatura Artes Visuais com ênfase Digitais](http://www.ead.ufrpe.br/Licenciatura_Artes_Visuais_com_ênfase_Digitais)).

Assim, os estudantes acessaram e analisaram o Projeto Pedagógico e Plano de Desenvolvimento da Escola, bem como Planos de Ensino e Planos de Aula, dentre outros registros documentais escolares. Ademais, também desenvolveram na prática alguns dos recursos do cotidiano escolar.

Importante ressaltar que olhar construído ao longo do Estágio I torna-se importante para as atividades a serem desenvolvidas no estágio subsequente. Destaca-se a experiência realizada no Estágio II, no âmbito do curso de Licenciatura em Artes Visuais, com ênfase em Digitais, uma vez que as atividades das disciplinas foram planejadas para lidar com um problema identificado por discentes e professores orientadores no estágio anterior.

Desse modo, compreende-se que o estágio proporciona “o engajamento do estagiário na realidade local, para que este possa perceber os desafios que a carreira do magistério lhe oferecerá e possa, assim, refletir maduramente sobre a profissão que vai assumir” (SANTOS; SILVA; SIQUEIRA, 2011).

Nesse sentido, foi observado por discentes e orientadores, durante o Estágio II, algumas dificuldades concernentes ao processo de planejamento nas escolas, o que dificultava o trabalho interdisciplinar e colaborativo. Diante disso, as professoras das disciplinas de estágio e de Prática como Componente Curricular, cujo eixo-temático é Artes e Educação, desenvolveram uma proposta interdisciplinar de trabalho na qual os discentes, ao final do Estágio, elaborariam um Projeto Didático envolvendo Artes/Educação de acordo com as demandas observadas na escola campo de estágio.

A apresentação dos projetos didáticos idealizados pelos discentes no Estágio II, fez parte da programação do I Estagi@rte, evento promovido pelo curso de Artes, cujo objetivo é possibilitar o compartilhamento de pesquisas e experiências dos estágios obrigatórios. O evento se configura como um espaço importante para divulgação das experiências e seus resultados com discentes, docentes e comunidade em geral.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

Nesse contexto, é no Estágio Curricular Supervisionado III, voltado para os espaços não formais de educação, que essa interação com a comunidade, sobretudo, a não escolar, se intensifica, tendo em vista realizar-se em espaços não formais de educação. Seu ementário apresenta os seguintes pontos: *Delineando o Estágio Curricular Supervisionado III: Orientações Gerais; Educação formal, Educação informal e Educação não-formal: conexões e distinções; Ensino, Pesquisa e Extensão: Múltiplas Conexões; Cenários de uma Nova Conjuntura para a Prática Educativa: desafios para a educação formal e educação não-formal; Articulações entre Educação Formal e Educação Não-formal: contextualizando o debate para futuros planejamentos; Planejamento de Oficinas para Educação Não-formal: diálogos com a comunidade; Planejamento e Elaboração de Projetos de Extensão; Avaliação da Aprendizagem: concepções e desafios; Registro das Atividades Práticas e Elaboração do Relatório Final de Estágio.* (Ementa disponível no Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em História, ano 2014, no site: http://www.ead.ufrpe.br/Licenciatura_Historia).

O Estágio III constitui-se, assim, num desafio para os cursos de Licenciatura em História e Licenciatura em Artes Visuais, com ênfase em digitais, tendo em vista a multiplicidade das instituições nas quais os estudantes podem estagiar, tais como: Organizações não governamentais, museus, sindicatos, associações de moradores, dentre outros.

A disciplina, cujo enfoque é a função social da educação, foi planejada para que as leituras e atividades práticas propostas culminassem no desenvolvimento de uma oficina pedagógica e, posteriormente, em um artigo com o relato da experiência vivenciada. Assim, os alunos foram orientados a realizarem observações, entrevistas, leituras de documentos da instituição, dentre outros procedimentos de pesquisa, com vistas a propor uma oficina que atendesse as demandas do espaço de estágio.

Buscou-se, portanto, uma articulação entre a prática de ensino, a pesquisa e a divulgação dessa, por meio do artigo no formato de relato de experiência. Nesse contexto, considera-se fundamental a interação contínua no Ambiente Virtual de Aprendizagem para possibilitar a cooperação entre os discentes no desenvolvimento das atividades.

A fim de mobilizá-los de forma colaborativa em torno de uma questão que pudesse ser pensada para qualquer espaço educacional, trabalhou-se a temática “práticas educacionais e a tecnologia: cenários, possibilidades e desafios”. O tema coaduna-se com as propostas



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

curriculares dos cursos de História e Artes da UEADTec da UFRPE, que destacam a importância das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) no processo formativo dos discentes e no perfil de egressos.

Por estarem inseridos no contexto das TDICs para a própria aprendizagem, foi possível observar facilidade dos discentes em criar um diálogo entre a instituição de estágio e os possíveis usos das tecnologias para o planejamento e execução das oficinas, sem desconsiderar as demandas de seu público alvo e do espaço em que estavam inseridos.

Assim, quando questionados sobre como visualizavam em sua proposta de oficina o que contemple o uso das tecnologias, seja como recurso didático ou como temática em seu espaço de estágio, os alunos indicaram algumas possibilidades, conforme é possível visualizar no comentário a seguir:

Olá, em minha oficina, a tecnologia será utilizada como recurso pedagógico. Trata-se de cinema, e embora não seja nenhuma novidade seu uso para esse fim, sempre surte um efeito positivo no intuito de atrair atenção, despertar interesse pelo tema apresentado, levar à reflexão.
(comentário de uma estudante no fórum temático da disciplina Estágio Curricular Supervisionado III)

No entanto, de forma crítica, alguns perceberam que há contextos em que o uso das TDICs não iria contribuir para a atividade ou que não seria adequado para o público alvo como, por exemplo, idosos sem familiaridade com recursos tecnológicos, como observado por uma discente:

Eu visualizo sim o uso da tecnologia como uma proposta de oficina, contudo para o estágio III deixarei de fora, porque acho inviável para as irmãs carmelitas ou alguns funcionários. Mas penso nessa oficina para os próximos estágios, assim como quando começar a lecionar em sala de aula. (comentário de uma estudante no fórum temático da disciplina Estágio Curricular Supervisionado III)

Foi possível observar que os estudantes conforme se identificavam no comentário acima, buscavam considerar o uso das tecnologias para futuras práticas pedagógicas, seja em espaços formais e não formais. No entanto, também observaram que o acesso às tecnologias ainda é desigual, bem como os espaços educacionais nem sempre possuem recursos e condições adequadas para o desenvolvimento de atividades coletivas:



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

Um recurso inquieto sempre com novidades, facilitador pela sua forma instantânea, quase sem barreiras e problemático na sua utilização. Um fator também muito importante é a questão da acessibilidade a tal tecnologia, esse o autor não entrou em detalhes; sem acesso não há como se “tecnologizar”. Nem todo espaço educacional possui internet e quando a possui não é compatível para as atividades em coletivo, ou seja, a internet ainda é algo muito restrito, isso quando pensamos em comunidades menos favorecidas. (comentário de um estudante em um fórum temático da disciplina Estágio Curricular Supervisionado III)

Compreende-se que a disciplina contribuiu para a formação de professores de História e Artes, *por meio de e para* o uso das tecnologias, uma vez que se contemplou a problematização e o desenvolvimento de práticas integradas ao contexto tecnológico atual, sem impor o uso das tecnologias. Os estudantes puderam refletir sobre as suas ações nos espaços, realizando escolhas com base no perfil do público alvo e das instituições que estavam inseridos.

Nessa perspectiva, Selma Pimenta aponta que,

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer ‘algo’ ou ‘ação’. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons. Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco, observando-nos, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram. Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram (2006, p. 7)

O estágio, portanto, se constitui num espaço fundamental para esse aprendizado, impondo aos cursos de formação docente o desafio de propiciar atividades que estimulem a mobilização de saberes, visando não apenas conhecer a realidade da profissão, mas estabelecer uma relação com ela. Para Domingo é preciso refletir sobre como fazer uma formação que ofereça caminhos “não para que os discentes se preparem para confirmar as suposições da realidade, mas por um novo relacionamento com ela, para uma reunião criadora com a realidade, para expandir a qualidade, para fazer crescer?”⁶ (2016, p. 18). Nesse sentido, realizar os estágios é importante para que os estudantes se familiarizem com a

⁶ Tradução livre



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

realidade e, sobretudo, tenham condições de (re)elaborar suas concepções, conforme agregam experiências e conhecimentos acadêmicos, durante e após sua formação inicial.

Conclusão

O estágio supervisionado na formação docente deve se configurar como espaço que permite estabelecer relação teoria-prática para compreensão da realidade educacional pública. A inserção e acompanhamento dos estudantes das licenciaturas em espaços formais e não formais da educação é complexo e apresenta inúmeros desafios para os docentes orientadores e supervisores dos estagiários.

Nesse sentido, ao se desenvolver também por meio virtual, os estágios na modalidade a distância possibilitam uma interação contínua entre professores e estudantes, facilitando a troca de experiências entre os sujeitos e a realização de atividades de cunho interativo. Numa sociedade imersa nas tecnologias, utilizar-se de ferramentas disponibilizadas no ciberespaço se configura numa das formas de aproximar os estudantes da realidade da educação do século XXI.

Logo, a substituição do relatório de atividades do estágio visto como o único instrumento, ou o mais usado e apropriado para o registro das atividades realizadas nas escolas, gerou um sentimento de insegurança perante a exigência de mobilização de diferentes sentidos, olhares e formas de expressão. Dialogar sobre os significados das experiências formativas que se desenvolviam no estágio através de um texto escrito online, partilhado ao longo do tempo da experiência e que deveria expressar sentimentos, relações, memórias, impressões construídas como “espaços de experiências” e depois como “horizontes de expectativas”, subverteu os “modos” possíveis de falar sobre o estágio como uma experiência de formação profissional.

Produzir outros materiais, em especial, os digitais, como pequenos documentários, cartilhas, álbuns que pudessem narrar histórias de escolas de diferentes cidades do interior de Pernambuco fora proposto como produção final da disciplina, de caráter coletivo, colaborativo, pluriautorial e interativo, com perspectiva de intervenção com projetos e/ou ações construídas junto com a escola, de acordo com seus desejos, problemas e potencialidades.



Redes Educativas e os desafios atuais da Cibercultura

21 a 22 de novembro de 2019 - Aracaju - SE

Destaca-se, dessa forma, a importância das ferramentas que mobilizadas para reunir espaços, pessoas e condições em momentos tão adversos. O sentido atribuído aqui aos recursos, às formas necessárias de mediação e condução dos olhares e ações dos alunos em formação profissional.

Referências

DOMINGO, J. C. Relatos de Experiência: em busca de um saber pedagógico. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 01, n. 01, p. 14-30, jan./abr. 2016.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. Tradução Roneide Venancio Majer. 18. ed., revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FONSECA, S. G. Didática e prática de ensino de história. Campinas: Papirus, 2003.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3 ed. São Paulo: Editora. 34, 2010.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. Revista Poésis – V. 3, Números 3 e 4, pp. 5-24, 2005/2006.

ROMERO, T. Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Senac, 2010.

SANTOS, E. O. D. Educação Online para além da EAD: um fenômeno da Cibercultura. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antonio (orgs.). Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010. p. 29-48.

SANTOS, M. S; SILVA, I. M; SIQUEIRA, A. Estágio curricular supervisionado III. Recife: UFRPE, 2011.

SILVA, Marco. Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica, internet, tecnologias digitais, arte, mercado, sociedade e cidadania. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2014. (Coleção práticas educativas).

_____. (Org). Educação online. 2ed. São Paulo: Loyola, 2006.

SOUSA, S. D. O.; JUNIOR, Klaus Schlünzen. **Blend Learning**: reflexões sobre os atributos de uma aprendizagem mista. Revista Interações, v. 14, n.47, p.98-121, 2018. Disponível em <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/12213>>. Acesso em: 15 de Set. 2019.

TORI, R. Educação. Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP, v. 2, n. 1, 2010.